

Um longo passeio por Lisboa com David Mourão-Ferreira

NOVEMBRO 1992

FOTOGRAFIAS DE PEDRO SOARES



A cidade é corpo e alma. Às vezes mal-amada. Mas não pelos poetas. Esses, descobrem-na como quem procura a luz e as sombras, o beijo e os rostos, para bordar a memória, fermento do melhor pão. E Lisboa, no culto e no pecado, na grandeza como nas fragilidades, é essa musa oferecida aos olhos de quem a canta. De quem a sabe cantar no verso (e no reverso) como David Mourão-Ferreira.

A celebração dessa Lisboa-poema fi-la com ele a guiar-me por entre casas e sítios, panorâmicas deslumbrantes que deixamos para um dia ou para nunca, submersos num quotidiano redutor.

Que espetacular é ver Lisboa do miradouro de Santa Catarina! «É um dos locais da minha adolescência», confia-nos o catedrático, o escritor, o dramaturgo, o ensaísta, o homem de singular sensibilidade, aconchegado num sobretudo de lã, azul-escuro. «Eu tinha aulas aqui perto, na casa de Teófilo Júnior, quando andava no primeiro ciclo. Escapava-me sempre que podia para Santa Catarina ou para as docas.» Era o apelo do rio, esteira da aventura. «Tinha a mania de ir para a Marinha, depois passou-me.» O sonho de marinheiro deu lugar ao mundo das letras. Mas as docas, as lembranças, o que fica por dentro das idades são o eixo fulcral em torno do qual gira o pensamento que foca e desdobra os sentidos até ao infinito das emoções.

«As docas já não são o que eram dantes. Tinham qualquer coisa de feérico. As lanchas, os paquetes, a faina dos anos trinta e quarenta. A guerra modificou comportamentos. Chegavam os refugiados. Mulheres muito bonitas, que iam ao café, usavam calças, fumavam na rua. Tudo isso foi um *choque* na vivência provinciana da época. Um tempo simultaneamente de ansiedade e de esperança.»

David Mourão-Ferreira, "alfacinha de gema", que partilha o coração com outro grande amor, Itália, alonga o olhar por entre as espirais de um cachimbo requintado, e acorda-nos para a beleza dos guindastes da zona ribeirinha, mirados cá de cima, junto ao palacete que abrigou opositores ao regime ditatorial, «inclusive meu pai». Santa Catarina, recordação dos namoros. «Mostrei Lisboa a muitas raparigas, mesmo sem haver qualquer relação sentimental.»



Chegam meninos com asas nos pés e vida no peito. Uma neblina outonal vai cobrindo o rio. Tomamos a direção da Rua da Academia das Ciências. «Olhe aqui a Rua da Rosa, este Bairro Alto, estas tonalidades que são a pele de Lisboa: o rosa, o branco, os verdes-esbatidos, a cor de grão. Bem recuperadas, estas fachadas são únicas. Repare na maravilha daqueles azulejos e na vida comunitária desta gente, muito mais autêntica.»

O autor de *A Secreta Viagem* fala de outros bairros: Campo de Ourique, Graça, Alfama, Mouraria, Alcântara. Busca a infância da brincadeira na Tapada das Necessidades: «Era preciso ter um cartão para entrar lá!» E eis-nos na memória de 1945 a 1951. O curso de Filologia Românica, na Faculdade de Letras, que funcionava na cave da Academia das Ciências. «Por aqui andei com Sebastião da Gama, Fernanda Botelho, Luís Filipe Lindley Cintra, Maria de Lourdes Belchior (que foi minha colega e ainda minha professora), António Coimbra Martins, Fausto Lopo Carvalho, António Quadros, Maria de Jesus Barroso e Urbano Tavares Rodrigues (alguns de áreas e anos diferentes, mas todos companheiros de momentos inesquecíveis).

As voltas que a vida dá! «Quem me havia de dizer que eu viria um dia a ser

membro desta Academia! Uma casa que tem sido tão mal apoiada. Sabia que a Academia das Ciências tem uma das maiores bibliotecas do País e uma das mais valiosas da história do século XVIII? Esta Academia desempenha uma missão primordial na defesa da língua e da cultura portuguesas.»

Sorriso largo, franco, direto ao pormenor de um candeeiro, de uma arcada ou de uma parede menos cuidada, David Mourão-Ferreira ajeita o chapéu (também azul), fixa-se na larga porta de madeira do palácio da Academia, para logo nos apontar a correnteza de casas que ladeiam a rua calma, uma espécie de santuário dos homens do saber, em convívio fraternal com gente simples, que vai às compras de manhã ou pelo anoitecer, carregando o saco da fruta, do leite, dos legumes, como quem segura um rosário de afetos.

Debruçadas no peitoril de uma janela quase rente ao passeio, duas caras sossegadas. Pergunto à criança distraída: «Sabes quem é este senhor?» Responde a mãe, rosto jovem, bonito: «Ela não sabe, mas sei eu. É o senhor doutor David Mourão-Ferreira.» Ora aqui tem, senhor poeta da vida, o melhor teste de popularidade.

Professores sempre lembrados? «Ah!, muitos, muitos: Hernâni Cidade, Vitorino Nemésio, Jacinto do Prado Coelho, André Crabbé Rocha, Maria de Lourdes Belchior e o alemão Harri Maier, um espantoso filólogo.»

De relance, a memória visitou a Travessa André Valente (próxima da Calçada do Combro), onde morreu Bocage. Mais a Rua Eduardo Coelho, onde viveu Nicolau Tolentino de Almeida. Espreita-se a Rua da Palmeira: «Neste rés-do-chão morou a Lurdes Norberto.»



Já o Sol se embalava na linha do horizonte quando rumámos ao Príncipe Real (que foi príncipe na monarquia, depois praça Patriarcal, mais tarde Patriarcal Queimada, para se chamar, ainda, Largo Rio de Janeiro, e voltar, finalmente, a reconquistar o nome da realeza). E lá está aquele cedro soberbo, de braços abertos a todos os homens, caramanchão de mil segredos e juras. Uma magnólia, mais adiante. «Repare nas folhas desta árvore, parece que estão enceradas. Na Praça José Fontana também há magnólias belíssimas.»

A ternura por Lisboa do escritor de *Um Amor Feliz* tem contornos de paixão. Porque ele ama assim as pessoas e as coisas. É uma forma de estar que não tolda a inteligência e o humor deste «romântico dominado pela razão». Contada por ele, Lisboa quase não tem frio. «Sabe quem vinha também muito para o Príncipe Real? Era o Ramada Curto.»

Vamos embora, doutor? «Não, espere aí. Quero mostrar-lhe as palmeiras, o Sol a mergulhar no mar. Veja aquelas árvores além, lembram uma obra de Bernardo Marques. Todas as estações têm o seu encanto, a sua poesia. Reduzidas ao essencial, estas árvores são uma lenda. Olhe, além, a cúpula da Basílica da Estrela, mais à direita! E aqui perto há duas casas presentes em dois dos mais

belos romances da nossa literatura: *Lápides Partidas*, de Aquilino Ribeiro, e *O Milagre Segundo Salomé*, de José Rodrigues Miguéis.»

Lisboa na poesia de David Mourão-Ferreira, nascido no extremo da Lapa, outra zona de raro encanto. Lisboa da Rua Júlio Dinis, onde vive. Uma Lisboa que «está numa fase má, mas necessária, porque sem obras nada se faz, embora pense que foram projetados muitos trabalhos em simultâneo. Mas acredito que, daqui a poucos anos, a cidade será mais habitável e agradável».

O poeta vai continuar a cantá-la, ao mesmo tempo que trabalha na reestruturação das Bibliotecas Itinerantes da Gulbenkian e organiza uma antologia sobre os universos do livro e outra de tradução de poetas. Um poeta nunca se demite. E os leitores têm sede.

© MARIA AUGUSTA SILVA

TAMBÉM NESTE SÍTIO:

David Mourão-Ferreira – As palavras vivas de um poeta maior
por Maria Augusta Silva

http://www.casaldasletras.com/maria_Registos.html